

## Roteirização da narrativa jornalística no *Instagram*: percursos de enunciação e produções de sentido

Beatriz dos Santos Feres\*

Rosane Santos Mauro Monnerat\*\*

Patrícia Ferreira Neves Ribeiro\*\*\*

**Resumo:** Este trabalho debruça-se sobre a situação-contratual da informação, considerando o texto midiático que se constitui sob a intervenção do tecnodiscurso no ambiente da rede social *Instagram*. Em função das possibilidades autorizadas pelo dispositivo, analisamos o acontecimento, transformado em narrativa midiática, a partir de uma roteirização seriada/sequenciada de notícias. Mais especificamente, examinamos postagens do Jornal Extra sobre a luta do ator Paulo Gustavo contra a covid-19 até sua morte e avaliamos a possibilidade de serem (re)organizadas por um “escritor” em vista de gestos tecnoenunciativos. Essa (re)organização narrativa é apreciada em nome dos efeitos de sentido amparados em imaginários sociodiscursivos.

**Palavras-chave:** Roterização da narrativa jornalística. Intencionalidade/Enunciação. Imaginários/Sentidos.

**Abstract:** This paper aims at casting light on the contractual situation of information, focusing on media text elaborated under the intervention of technodiscourse in the environment of Instagram. According to the possibilities allowed by the device, we analyse the event inserted into a media narrative from a serial/sequenced script of News. Specifically, we examined Jornal Extra posts about the actor Paulo Gustavo’s struggle against Covid-19 until his death. From this point on, we took into account the possibility of being reorganized by a “writer-reader” with techno-enunciative gestures. This narrative reorganization is evaluated by sense effects anchored in sociodiscursive imaginaries

**Keywords:** Scripting journalistic narrative. Intentionality/Enunciation. Imaginaries/Senses.

---

\* Professora Associada de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem Universidade Federal Fluminense (UFF). Líder do Grupo de Pesquisa em Semiologia-Leitura, fruição e ensino (GPS-LEIFEN, UFF-CNPq). <http://orcid.org/0000-0001-5854-2898> / E-mail: [beatrizferes@id.uff.br](mailto:beatrizferes@id.uff.br)

\*\* Professora Titular de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro do Grupo de Pesquisa em Semiologia-Leitura, fruição e ensino (UFF/CNPq). <http://orcid.org/0000-0003-2523-9088> / E-mail: [rosanemonnerat@id.uff.br](mailto:rosanemonnerat@id.uff.br)

\*\*\* Professora Associada de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem Universidade Federal Fluminense (UFF). Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Semiologia-Leitura, fruição e ensino (GPS-LEIFEN, UFF-CNPq). <http://orcid.org/0000-0001-9532-0098> / E-mail: [patricianeves@id.uff.br](mailto:patricianeves@id.uff.br)



**Resumé:** Cet article analyse la situation contractuelle de l'information, considérant le texte médiatique qui se constitue sous l'intervention du technodiscours dans l'environnement du réseau social *Instagram*. En fonction des possibilités autorisées par le dispositif, nous analysons l'événement, transformé en récit médiatique, à partir d'un scénario en série de nouvelles. Plus précisément, nous avons examiné les messages du Journal Extra sur la lutte de l'acteur Paulo Gustavo contre le covid-19 jusqu'à sa mort et la possibilité d'être (ré)organisées par un écrivain en vue de gestes techno-langagiers. Cette (ré)organisation narrative est appréciée au nom des effets de sens soutenus dans les imaginaires socio-discursifs.

**Mots-clés:** Scénario de la narrative journalistique. Intentionnalité/Énonciation. Imaginaires /Sens.

## Introdução

Atuando nos mais diferentes contextos sociais, homens e mulheres da contemporaneidade estão, cada vez mais, conectados em uma rede textual/discursiva com vistas à instauração, à captura e ao compartilhamento da denominada *realidade*. Tal conexão se, antes, estabelecia-se, mais frequentemente, via acesso a jornal impresso, rádio e televisão, agora se dá de forma inegável e crescente, de modo assíncrono ou síncrono, pela interpelação, sobretudo, da rede de intercomunicação de computadores. Sobre essa trilha de fios de comunicação da história moderna, chamada internet, os sujeitos têm, de forma imediata e em qualquer lugar, acesso ao mundo em sua abrangência e urgência e à possibilidade de (re)construí-lo incessantemente. Para tanto, recorrem, como num passe de mágica, a diferentes redes sociais virtuais, como, por exemplo *Facebook*, *Twitter*, *Tik Tok* e *Instagram*.

Considerando esse reconhecimento de contextos cada vez mais digitais de interação, o *objetivo maior* deste artigo é o de traçar uma reflexão sobre os estudos do texto/discurso no âmbito da compreensão e do uso dessas tecnologias em relação à construção de sentido dos textos e à intencionalidade que os organiza. Sob essa perspectiva, visamos, de modo mais específico, a refletir sobre uma situação-contratual particular de interação, a da narrativa midiática que se pode constituir, de forma roteirizada/sequenciada, sob a intervenção do tecnodiscurso, notadamente aquele instaurado no bojo da plataforma digital do *Instagram*.

Tratar de tecnodiscurso é considerar, em sentido amplo, a aliança entre linguagem e tecnologia digital para a projeção de efeitos de sentido e das simbolizações sócio-histórico-culturais que os orientam. Essa convergência entre tecnodiscurso e *Instagram* é tratada, neste artigo, em atenção ao aspecto mais geral já sinalizado por Recuero (2009, p. 24) de que uma rede social mediada por tecnologia digital trata-se de “um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós de rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”; além disso, segundo a mesma autora (2009, p. 102), é uma rede que possibilita: “i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator”.

No que concerne, mais particularmente, à relação entre texto, discurso e interação, o *Instagram*, tendo se popularizado bastante nos últimos tempos, tem proposto cada vez mais possibilidades de interatividade com apoio, principalmente, em postagens que figuram no *feed* (local de exposição fixa das publicações) – compostas por imagem, mensagem mais direta, possibilidade de exposição de comentários e de curtidas *etc.* –, tanto de cunho pessoal, como de cunho institucional, sendo o domínio jornalístico (sobre o qual nos debruçaremos neste artigo) um deles. Além disso, a interatividade na referida plataforma tem podido se dar pela atuação do usuário/seguidor, no sentido de “recuperar”, dentro de determinado perfil, partes dispersas de uma organização narrativa de certos fatos, sendo esse ponto de largo interesse neste trabalho.

Assim, em consideração a esse aspecto *mais específico* da interação digital, bastante abordado por estudiosos como Paveau (2013), a integração entre parâmetros técnicos e fenômeno linguageiro, no *Instagram*, aponta para o fato de que o texto existe também em decorrência de gestos tecnoenunciativos, por exemplo, de clicagem e de rolagem – seja pelo uso do dedo ou do mouse – por parte do usuário da rede. Nessa direção, o usuário-leitor pode intervir (re)organizando/(re)fazendo a construção textual. Torna-se, neste caso, um verdadeiro escritor-leitor, enquanto navega (PAVEAU, 2015), e, dessa feita, autêntico manipulador do próprio percurso de leitura.

Nesse sentido, sob a atuação gestual do denominado *escreleitor* (PAVEAU, 2015), no ambiente digital, o texto dado pode ser desdobrado em novas e até imprevisíveis

textualidades, o que é bastante revelador das contínuas ampliações sequenciais a que dada produção textual pode estar submetida, numa verdadeira rede de relações (GIERING, 2021). Nessa direção, é válido relembrar o que já mencionara Marcuschi (2017) sobre a ideia de que o texto digital – em sua vertiginosa sucessão – é mesmo aberto/incompleto, imprevisível.

Neste artigo, visamos *mais especificamente*, em função das possibilidades autorizadas pelo suporte – notadamente o *Instagram* – e pelo dispositivo próprio do jornalismo digital – como, por exemplo, o do acesso facilitado não só a determinada notícia presente, como também a notícias passadas afins –, analisar o acontecimento transformado em narrativa midiática. Faremos esta análise a partir de um possível resgate de uma roteirização sequenciada/ampliada/aberta de notícias jornalísticas, tomada como um discurso nativamente digital.

Sob essa dinâmica de uma (escr)leitura em série/em sequência, travada entre diferentes notícias *on-line*, escolhemos, para serem analisadas neste trabalho, quatro postagens publicadas no perfil do jornal carioca Extra, cuja pretensão, assumida pela própria instância midiática em tela, é a de divulgar “instantes de personagens famosos e anônimos sob o olhar do #jornalextra” (<http://instagram.com/jornalextra/>). No caso desta pesquisa, focalizamos publicações centradas na narrativa de luta pela sobrevivência do famoso ator brasileiro Paulo Gustavo até a sua morte no contexto da pandemia da COVID-19.

Para a realização da análise, buscamos explorar como o texto/discurso da narrativa jornalística em questão, nativamente digital, postado na plataforma dada e focalizador de uma mesma temática: (i) se sustenta num processo evenemencial<sup>1</sup> em perpétua reativação (CHARAUDEAU, 2006); (ii) adere a uma espécie de desfile de miniacontecimentos a suplantarem e a serem suplantados num avançar cujo fim não se encerra na leitura do primeiro deles (CHARAUDEAU, 2006); (iii) possibilita uma espécie de conversação catalisadora (entre o enunciador/escritor e o coenunciador/leitor/*escreleitor*, aquele que lê e escreve enquanto navega) com base em

---

<sup>1</sup> Trata-se ainda de uma sucessão de atos dos quais ainda não se conhece a motivação que os insere em uma lógica narrativa.

informações que são agregadas ao fato gerador da notícia (CHARAUDEAU, 2006; EGYPTO, 2012; PAVEAU, 2015).

Concretamente, o percurso narrativo selecionado para exame nesta pesquisa é flagrado a partir do quadro proposto por Charaudeau (2006, 2008), com base em alguns semióticos, como C. Brémond, segundo o qual a lógica narrativa organiza-se em três fases: estado inicial, estado de atualização e estado final. Um olhar detido sobre elas possibilita recuperar partes dispersas de uma mesma narrativa no quadro das contínuas ampliações sequenciais a que dada produção textual está sujeita dentro de uma ampla rede de relações.

E se essas partes dispersas são ordenadas, *por um lado*, em nome de um princípio de intencionalidade, isto é, de motivação, por parte de uma instância enunciativa (o *escreitor* da *web* das redes sociais digitais), *por outro lado*, a sequência midiática alcançada com apoio na (re)construção dessa tríade narrativa de base pode ser apreciada consoante uma intencionalidade pressuposta, tomada como projeto de dizer. Nesse caso, há, também, neste artigo, o interesse final de flagrar a relação entre o roteiro narrativo (re)constituído e as produções de sentido decorrentes, no escopo de um narrar propício à projeção do leitor, interpelado por dados imaginários sociodiscursivos.

Toda essa investigação proposta funda-se, principalmente, sobre as orientações advindas da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso (CHARAUDEAU, 2006; 2008) e da Análise do Discurso Digital, especialmente dadas pelos estudos de Giering (2021), Marcuschi (2017) e Paveau (2013; 2015; 2017). Trata-se, enfim, de pesquisa que deseja contribuir para uma reflexão sobre os estudos do discurso e do texto, em atenção à organização da narrativa, aplicados ao domínio jornalístico em ambiente digital.

Para proceder a toda esta pesquisa proposta, o artigo em tela dispõe, enfim, da seguinte organização: além desta introdução e das considerações finais, compõem o texto mais três partes. Na primeira, há apontamentos teóricos mais específicos sobre a engrenagem da roteirização/sequenciação ampliada da narrativa em meio digital, com respaldo em Charaudeau (2006), Giering (2021), Marcuschi (2017) e Paveau (2013; 2015; 2017); na segunda, apresenta-se uma análise da roteirização (estados inicial, de atualização e final) tratada com base no *corpus* selecionado para alcance dos percursos

da enunciação ampliada, com fundamento em Charaudeau (2008); na terceira, com apoio no exame realizado, o estudo traz uma reflexão não só sobre o roteiro narrativo construído em vista de uma projeção persuasiva, como também das visadas de efeito amparadas por dado imaginário sociodiscursivo, em consonância com Charaudeau (2004b; 2006; 2007; 2018).

### **Roteirização da narrativa jornalística no *Instagram***

Para uma reflexão teórica sobre a roteirização/sequenciação ampliada da narrativa jornalística, este estudo parte de alguns pressupostos mais gerais ofertados por Charaudeau (2006), relacionados: (i) ao nascimento da notícia sob um processo evenemencial – filtrado por uma mimese tripla (RICOEUR, 1983) – em contínua reativação; (ii) à ideia de que a produção da informação jornalística sujeita-se, em nome da preservação da atualidade, à adesão a uma espécie de desfile de miniacontecimentos cujo fechamento não se dá com a apresentação do primeiro deles; (iii) às características da notícia como uma narrativa reconstituída sob a intervenção de uma espécie de meganarrador compósito, fruto de uma conversação catalisadora entre o enunciador/escritor e o coenunciador/leitor/escritor.

Especialmente, neste trabalho, esses três pressupostos serão considerados em vista da instauração de uma roteirização narrativa jornalística estabelecida no âmbito de um *continuum* de notícias – sobre uma mesma temática mais ampla – nascidas e publicadas na *web*. Assim, este estudo entra em diálogo também com pesquisas já desenvolvidas por Conceição (2020), Feres, Monnerat e Ribeiro (2021) e Gomes (2022).

Para uma primeira amostragem do *corpus* do trabalho, apresentamos, a seguir, as postagens extraídas do perfil do *Instagram* do Jornal Extra, as quais foram selecionadas para exame neste artigo. Como poderemos ver, trata-se de matérias tematicamente afins que podem ser tomadas como partes – em diálogo – de uma ampla construção narrativa midiática, sendo elas assim intituladas: *Paulo Gustavo é internado com Covid-19 no Rio*

(15/03/2021); *Internado com Covid-19, Paulo Gustavo apresenta melhora em hospital* (19/03/2021); *Paulo Gustavo segue em estado grave e trata nova pneumonia bacteriana* (26/04/2021); 30/10/1978-04/05/2021 (04/05/2021).

Toda notícia (e as notícias integrantes do *corpus* em particular) tem origem em um processo factual (acontecimento bruto) que se insere em discursos de inteligibilidade do mundo. Para que o acontecimento bruto se transforme em acontecimento significado, ele é atravessado por uma espécie de filtro construtor do sentido (por uma inteligibilidade) comandado por um sistema de valores caracterizadores dos grupos sociais. Assim, conforme Charaudeau (2006, p. 132), o acontecimento significado, nomeadamente a notícia, nasce “num processo evenemencial que [...] se constrói ao término de uma mimese tripla”. Para explicar essa tripla atividade mimética, vinculando-a ao processo mais amplo da semiotização do mundo (CHARAUDEAU, 2006), recorreremos a Paul Ricoeur (1983), que, no escopo de sua hermenêutica da narrativa, propõe o estabelecimento de três fases: pré-configuração do mundo (mimese-1) – dependente de uma relação direta entre o homem e o mundo; configuração do mundo pré-figurado (mimese-2) – articulada à discretização do mundo por meio de unidades de forma/sentido ordenadas por objetivos comunicativos do enunciador; re-figuração do mundo configurado (mimese-3) – resultante da atividade de inteligibilidade (interpretação e compreensão) do sujeito coenunciador.

Para ilustrar estes três estágios, consideremos, com base no *corpus* do trabalho, a manchete da primeira notícia: “Paulo Gustavo é internado com Covid-19 no Rio”. Como estágio mimético 1, visualiza-se a saída de um sujeito de casa e a sua chegada ao hospital, considerando-se seu trajeto linear em termos de tempo, espaço e sucessividade de ações (antes e depois); no estágio mimético 2, este trajeto configura-se como uma narrativa acerca da internação do ator Paulo Gustavo e das preocupações advindas de sua motivação; no estágio mimético 3, tendo sido a narrativa já configurada – no âmbito da semiotização do mundo da fase 2 – por escolhas lexicais dadas, por exemplo, pelo nome do ator (Paulo Gustavo) e da doença (COVID-19), serão produzidos efeitos de sentido mais ou menos dramatizantes de acordo com os traços identitários do coenunciador.

Em contraposição aos que encaram a doença como uma enfermidade leve, conforme o anunciado por *O Globo* em matéria de 14/10/2020: “Bolsonaro volta a minimizar pandemia e chama Covid-19 de *gripezinha*”, há aqueles que reconhecem a gravidade do problema sanitário, como o que figura no jornal *Meia-Hora do dia* 01/04/2020: “Sem fugir da raia, Rio corre para construir 1600 leitos até o dia 30 [...] e vencer o *inimigo invisível*”. Disso resulta a ideia de que a informação midiática não é o reflexo do acontecimento, mas sim resultado de uma construção. Com apoio nessa configuração da realidade, a instância midiática impõe uma visão de mundo que, embora seja apresentada como natural, é previamente articulada e determinante das refigurações do mundo por parte do receptor.

De “gripezinha”, passando por “Covid-19”, a “inimigo invisível”, instaura-se uma gradação referencial-descritiva, que – em *continuum* – ora poderá provocar efeitos de suavidade, ora sentidos de angústia sobre o interlocutor. A esse respeito, ressalta Maingueneau (2020) que a expressão “Covid-19” ensejaria caráter mais científico e controlável ao vivenciado quadro de pandemia, em contraponto, por exemplo, ao suscitado pelo termo “peste”.

Essa articulação prévia feita pela instância midiática, que transforma o acontecimento em notícia, é dada também com base em dados mais ou menos objetivos, relacionados a *tempo*, *espaço* e *hierarquia* (CHARAUDEAU, 2006). Neste artigo, que prioriza olhar sobre a roteirização narrativa midiática constituída entre diferentes notícias, elegemos o aspecto do *tempo* para tratar não só do “presente de atualidade”, como também da ausência de certa perspectiva histórica, em que se baseia o discurso das mídias. Dito de outra forma, Charaudeau (2006, p. 134) explica que:

O discurso das mídias se fundamenta no presente de atualidade, e é a partir desse ponto de referência absoluto que elas olham timidamente para ontem e para amanhã, sem poder dizer muita coisa a respeito. Não raro fazem o que o meio profissional chama de perspectivação, que não pode trazer, no entanto, explicações históricas. Assim sendo, pode-se dizer que o discurso de informação midiático tem um caráter fundamentalmente *a-histórico*.

Sendo a obsessão do presente uma marca indelével das notícias, licenciadas a emergirem desde que inscritas em uma atualidade e condenadas a desaparecerem pela

vilania da saturação, estamos, no quadro das narrativas jornalísticas, expostos a um “desfile de notícias, uma eliminando a outra, rapidamente relegadas no armário de achados e perdidos” (CHARAUDEAU, 2006, p. 134). Além disso, sendo o *tempo* midiático comandado pelo imaginário da urgência na transmissão da informação, esse desfile ordena-se entre vazios e urgências de notícias novas que se sucedem num avançar sem fim e mesmo por antecipação.

Embora *cada notícia* enunciada, urgentemente, na passarela dos acontecimentos significados seja construída segundo uma visão superficial/referencial do mundo (em sua efemeridade e a-historicidade), o homem tem consciência de que “a narrativa se dá em detrimento da referencialidade do acontecimento” (CHARAUDEAU, 2006, p. 135). Em outros termos, o acontecimento convertido em notícia é atravessado por um processo narrativo “que o insere numa interrogação sobre a origem e o devir, conferindo-lhe uma aparência (ilusória) de espessura temporal” (CHARAUDEAU, 2006, p. 135).

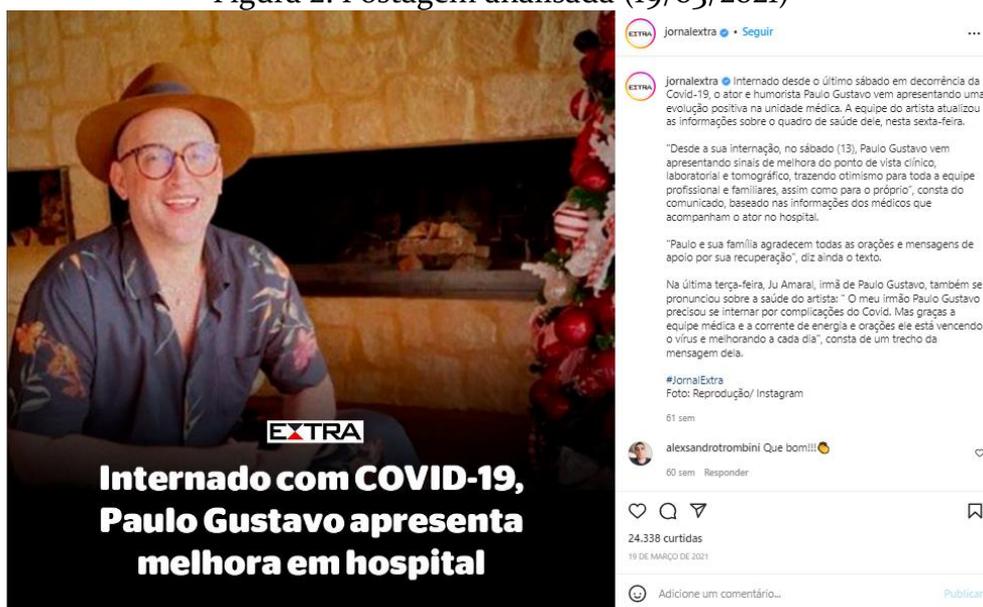
Essa noção de atualidade (e seus desdobramentos), intrínseca ao contrato midiático, legitima nossa ideia central de considerarmos a atuação do *escreitor* no sentido de – na etapa da re-figuração mimética – realizar (re)montagens de roteiros narrativos midiáticos em busca de produção de sentido. Pelo gesto de rolagem da tela, seja usando o dedo ou o *mouse*, o *escreitor* pode se deparar com o tal desfile de notícias. Ora pode expandir o primeiro texto, por exemplo, em direção ao que se será/foi publicado, ora pode ampliar o último – em retrospectiva – no sentido dos anteriormente postados. Assim, o texto vai se desdobrando em novas textualidades e revelando contínuas ampliações sequenciais, como o que podemos observar diante do *corpus* dado – centrado sobre os títulos e as imagens dispostos sobre as montagens postadas no *Instagram* – e recuperado a seguir:

Figura 1: Postagem analisada (15/03/2021)



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CMc7aO3Adg7/>. Acesso em: 13 mar. 2022.

Figura 2: Postagem analisada (19/03/2021)



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CMn19vdA9Gd/>. Acesso em: 13 mar. 2022.

Figura 3: Postagem analisada (26/04/2021)



Fonte: <https://www.instagram.com/p/COJm4TBrLSR/>. Acesso em: 13 mar. 2022.

Figura 4: Postagem analisada (04/05/2021)



Fonte: [https://www.instagram.com/p/COePnI\\_g4Va/](https://www.instagram.com/p/COePnI_g4Va/). Acesso em: 13 mar. 2022.

No enalço, justamente, dessa informação midiática que se ampara “num processo evenemencial em perpétua reativação” (CHARAUDEAU, 2006, p. 160), o *escritor* pode buscar (re)construir dada roteirização narrativa, sem desconsiderar que

isso possa ser provocado pelo que se sugere no próprio fechamento de cada notícia particular. Entre as notícias apresentadas acima, verificamos que a primeira é sugestiva de um encadeamento de fatos, atravessados por inevitável dramaticidade: da internação do ator à atualização de seu estado de saúde pós-hospitalização. Entre a segunda postagem e a terceira, flagramos a interposição de um efeito até certo ponto previsível: do estado que se agrava à morte anunciada. Por fim, entre a última postagem e as anteriormente publicadas, refazemos um percurso narrativo que, partindo da morte do ator, busca identificar suas causas (infecção por COVID-19 e agravamento da doença).

Como último ponto teórico de interesse para este trabalho a ser apresentado nesta seção, ressaltamos que a construção midiática do acontecimento, sendo uma consequência do ato de “relatar”, abre espaço para uma reflexão sobre fatos e ditos. Relativamente ao *fato relatado*, objeto de maior interesse neste estudo, Charaudeau (2006) o considera como objeto de uma *descrição*, de uma *explicação* e de *reações*.

Neste artigo, que objetiva apreciar a roteirização narrativa midiática estabelecida entre diferentes notícias, vamos nos debruçar, agora, com mais atenção, sobre a *descrição* do fato relatado. Charaudeau (2006) concebe que *descrever um fato* é construir uma diegese narrativa<sup>2</sup>, podendo essa diegese narrativa midiática ser construída em simultaneidade (quando o acontecimento bruto se desenvolve em paralelo à narrativa midiática) ou sob reconstituição (quando o acontecimento bruto precede à enunciação da notícia). Para fins desta exposição, nos inclinamos a tratar da *narrativa midiática reconstituída*. As publicações sobre a internação do ator Paulo Gustavo, o agravamento de seu estado de saúde e a sua morte, com desdobramentos, a despeito dos comentários que as acompanham, foram feitas após a ocorrência de cada fato noticiado.

Especialmente, neste trabalho, é interesse nosso pensar, em concordância com Charaudeau (2006), que tal narrativa de reconstituição depende da atuação de um meganarrador composto, correspondente a fontes de informação, ao jornalista redator da notícia e à redação que a submete a determinada *mise-en-scène*. Todavia, para além

---

<sup>2</sup> Há que se ressaltar, para fins de clareza, que a função da diegese narrativa é “construir uma história segundo um esquema narrativo intencional, no qual se poderão identificar os projetos de busca dos atores e as consequências de suas ações” (CHARAUDEAU, 2006, p. 153).

dessa correspondência, entendemos, à luz da pesquisa aqui empreendida, que tal meganarrador compósito seria também fruto de uma integração enunciativa entre os agentes antes enunciados e um coenunciador, na perspectiva de Paveau (2015).

Justificamos essa visão em nome da ideia de que, em domínio jornalístico, “o que antes era uma história acabada, porque publicada e distribuída, é agora apenas o início de uma conversa catalisadora do acesso a novas informações a serem agregadas ao fato gerador da notícia” (EGYPTO, 2012, n. p), considerando, é claro, mais particularmente o ambiente digital. Neste ciberespaço, em especial, cede-se, inegavelmente, “lugar à participação estimulada dos leitores no processo de construção da informação” (EGYPTO, 2012, n. p).

Nesse sentido, em conformidade com Paveau (2013), essa participação torna-se bastante palpável ao se constatar que os limites do texto se alargam em decorrência de, por exemplo, possíveis gestos tecnoenunciativos de rolagem da tela por parte do interlocutor. Diante disso, o trabalho de montagem, de roteirização da narrativa jornalística, ultrapassa a ação empreendida pelo eu-jornalista e afins e ganha vida também pela intervenção do usuário-leitor. Enquanto navega pela rede digital, o *escreitor* pode efetivamente interferir (re)montando dada narrativa midiática. Em outros termos, enquanto lê, o *escreitor* escreve mesmo um outro texto, para além daquele apresentado isolada e superficialmente (GIERING, 2021).

Diante do *corpus* selecionado para este artigo, é factível pensar que a narrativa reconstituída pelo *escreitor*, em torno do drama vivido pelo ator Paulo Gustavo em contexto pandêmico, resulta de uma costura entre um antes e um depois e vice-versa que estão: (i) inscritos na própria diegese narrativa da notícia; (ii) autorizados pelo desfile de miniacontecimentos pressuposto pelo caráter de atualidade e de urgência da narrativa midiática; e (iii) decalcados pelo meganarrador compósito – da instância de produção à de recepção – em ambiente digital de natureza gestualmente interativa.

Frente a esse percurso narrativo disposto e (re)montado, na *web*, em vista de uma decisão do *escreitor*, flagramos a construção de uma história que ultrapassa a contenção de uma narrativa linear. Pelo gesto de rolagem da tela, por exemplo, instaura-se uma espécie de deslinearização enunciativa (PAVEAU, 2017) que pode encaminhar o

leitor a outras matérias relacionadas àquela que foi seu ponto de partida. Mesmo assim, concretamente, sob certa deslinearização/não linearidade (MARCUSCHI, 2017) – que não significa, necessariamente, descontinuidade textual –, essa construção narrativa pode ser roteirizada pelo *escreitor* segundo aquele esquema narrativo *intencional/motivacional* próprio da lógica narrativa, segundo o qual é possível apreciar os projetos de busca dos atores e as consequências das suas ações no âmbito de uma inegável coerência textual.

Na seção seguinte, serão recuperadas, do perfil do *Instagram* do Jornal Extra, partes dispersas da narrativa contada sobre o drama do ator Paulo Gustavo em contexto pandêmico. No âmbito das contínuas ampliações sequenciais, digitalmente possibilitadas pelo tecnodiscurso, serão descritas e examinadas as etapas de *falta, busca e resultado*, que, se típicas dos roteiros narrativos jornalísticos criados pela instância midiática, são vistas, neste trabalho, como integrantes de uma roteirização assinada também pelo interlocutor.

## Percursos de enunciação

A *lógica narrativa*, segundo Charaudeau (2008), seria uma hipótese de construção do enredo de uma história, sem que se considerem sua configuração enunciativa e suas particularidades semânticas.

Não obstante, em sua configuração, entram em cena determinados componentes, como os *actantes*, com seus papéis narrativos, qualificação e hierarquização; os *processos*, com suas funções narrativas, e as *sequências*, com seus princípios de organização.

A *lógica narrativa* gravita em torno de quatro princípios de organização, a saber: (i) o da *coerência*, que considera a sucessão de acontecimentos organizados por uma relação de solidariedade de forma tal que cada fato pressuponha a existência dos outros; (ii) o da *intencionalidade* (ou de motivação), que prioriza o encadeamento de motivos,

dirigidos a um fim, presentes em qualquer projeto humano; (iii) o do *encadeamento*, que apresenta os acontecimentos reagrupados em sequências ordenadas; (iv) e o da *localização*, que determina o enquadramento espaço-temporal em que se situa a sucessão coerente e motivada dos acontecimentos.

Neste trabalho, daremos especial atenção ao princípio da intencionalidade, segundo o qual a sucessão de ações com abertura e fechamento deve ser motivada, ou seja, ter uma finalidade.

Sabemos que um dos principais fundamentos da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso é, precisamente, a intencionalidade, segundo os postulados de Searle (1995). Assim, todo sujeito falante elabora um “projeto de fazer” e procura conduzi-lo de forma a atender às suas intenções. Em outras palavras, o projeto de fala do sujeito enunciador é sempre intencional, ainda que essa intencionalidade possa não se apresentar explicitamente.

Pode-se, então, dizer que a intencionalidade do sujeito repousa em uma tríade do aparato narrativo: (i) existência de uma situação de *falta* em que o sujeito se encontra; (ii) tomada de consciência desta falta, o que incita esse sujeito a desejar preenchê-la – a *busca* – e chegar a um (iii) *resultado*, que pode ser de *êxito* (+) ou de *fracasso* (-).

Pretendemos verificar como se desenvolvem essas etapas, previstas no princípio da intencionalidade, tomando por base quatro postagens que reconstituem, em uma sequência temporal, os estágios da internação, por COVID-19, do ator Paulo Gustavo até a sua morte.

Como já explicitado, essa narrativa é reconstituída sob a ótica de um *meganarrador compósito*, mediante a articulação entre o *enunciador/escritor* e o *coenunciador/leitor/escritor*. Assim, as etapas do processo, na narrativa já configurada, serão diretamente influenciadas e marcadas por tal articulação. Vale lembrar, ainda, que, no mundo midiático, entre os espaços percorridos pelas mininarrativas, surgirão outras, novas, evenencialmente realimentadas, ao se sucederem em uma cronologia sem limites.

As quatro postagens selecionadas abrem possibilidades para análises uma a uma ou em bloco. Optamos, por questões de espaço, por realizar a análise do aparato narrativo do princípio da intencionalidade focalizando o conjunto das quatro.

Percebe-se, nesse caso, uma progressão temática sublinearmente tecida pelo encadeamento dos fatos que se sucedem. Na primeira postagem, de 15/03/2021, apresenta-se a situação: “Paulo Gustavo é internado com Covid-19 no Rio”. Essa notícia desempenha o papel narrativo de *abertura*, em relação à sucessão de ações que virão a seguir. Na aba lateral da página do *Instagram*, o jornal apresenta detalhes sobre o quadro de saúde do ator e transcreve informações dadas pela própria equipe do artista. Tal conteúdo configura-se, portanto, como a apresentação de um *estado inicial*, que pressupõe uma perda de equilíbrio na vida do ator, em consequência de seu estado de saúde. Sugere-se, por conseguinte, a ideia de que há uma *falta* a ser corrigida, ou preenchida – a reconquista de uma vida saudável, o que o levaria ao estado de equilíbrio novamente.

A segunda postagem, de 19/03/2021, na sequência, revela que “Internado com Covid-19, Paulo Gustavo apresenta melhora em hospital”, patenteando-se o *estado de atualização*, no que concerne à *busca* que preencherá a falta evidenciada na narrativa de abertura. As informações da aba lateral do texto revelam melhoras do ponto de vista clínico, laboratorial e tomográfico, sugerindo que a situação começa a ser controlada, ou seja, caminha para um resultado de *êxito*.

Tal expectativa positiva começa a ser desmontada a partir da terceira postagem, de 26/04/2021, que, ainda em um *estado de atualização* e *busca* pelo equilíbrio, informa que “Paulo Gustavo segue em estado grave e trata nova pneumonia bacteriana”. Apesar de o texto da aba lateral trazer informações de “evidências de melhoras”, apesar da pneumonia bacteriana, começam a se desfazer as esperanças daqueles que torcem pela recuperação do artista, que ainda continua com ventilação mecânica.

A esperança é fatalmente destruída com a última postagem, que anuncia a morte do ator, em 04/05/2021. Aqui, se apresenta o *estado final*, em relação ao objeto de *busca* (a saúde). Esse *estado/resultado*, infelizmente, evolui para o *fracasso*, pois a notícia veiculada é a da morte do ator, expressa de maneira singela apenas pelas datas,

respectivamente, de seu nascimento e morte: “30/10/1978” e “04/05/2021”. A aba lateral, agora, traça um breve histórico, desde a sua internação, em 13 de março, até sua morte, e também fornece alguns dados sobre a biografia do ator, configurando, portanto, o mecanismo de *fechamento* da estrutura narrativa.

Cabe, ainda, destacar – em todo o processo da narrativa reconstituída, a partir da motivação inicial das ações e da integração enunciativa entre o *meganarrador compósito* e o *coenunciador/escritor* – a prevalência da mobilização patêmica advinda das informações atravessadas por dramaticidade, sendo, portanto, susceptíveis de acarretar diferentes efeitos de sentido, segundo os imaginários e traços identitários dos coenunciadores.

### **Da ancoragem social das visadas à interpretação dos fatos**

Segundo Charaudeau (2004a), de acordo com as circunstâncias que envolvem cada troca comunicativa, criam-se expectativas em relação não só ao propósito de um texto, como também à sua funcionalidade, em virtude, sobretudo, do *gênero situacional* ao qual se filia. O contrato de comunicação reconhecido pelos interagentes da troca se vincula a dados externos, próprios de uma ancoragem social dos discursos, que, em alguma medida, orienta as recorrências formais apresentadas pelos textos que circulam na coletividade. “Gênero situacional”, expressão escolhida pelo linguista para indicar uma externalidade proeminente na construção dos sentidos, salienta a determinante influência das circunstâncias específicas de uma troca na seleção dos recursos discursivos e na configuração mesma dos textos.

Desse modo, para cada gênero, são esperadas certas *visadas de efeito*, isto é, “programações discursivas” com finalidades pressupostas, como, no caso das notícias, a de *informação (fazer saber)*, considerada predominante, mas também a de *patemização (fazer sentir)*, muito comum em manchetes de jornais, ligada a mecanismos de dramatização e de espetacularização dos fatos, a fim de maior captação dos leitores.

Parece pertinente comentar que, embora sejam planejadas pelas instâncias de produção, que as organizam segundo seu destinatário ideal, nem sempre as visadas correspondem exatamente àquilo que a instância de recepção interpreta. A interpretação dos sentidos se baseia em inferências realizadas a partir dos imaginários sociodiscursivos, isto é, de uma visão que um grupo social tem do mundo; do conhecimento que se tem da realidade e dos julgamentos que dela se fazem (CHARAUDEAU, 2006).

Para que o mesmo universo referencial baseado em imaginários sociodiscursivos seja acionado pelo produtor e por seu interlocutor, Charaudeau (2004a) explica a utilização de três tipos de memória: a memória das formas dos signos (que organizam as maneiras de dizer), a memória das situações de comunicação (que permitem ritualizar as trocas) e a memória dos discursos (em que se constroem os saberes de conhecimento e de crença que compõem os imaginários). Dessas memórias se nutrem, de um lado, as implicações programadas no/pelo texto e, por outro, as inferências (CHARAUDEAU, 2018) realizadas pelo interlocutor, sejam elas internas ao texto (centrípetas), sejam elas externas (centrífugas): situacionais (das quais depende inclusive o reconhecimento do gênero situacional), interdiscursivas (das quais depende a intertextualidade – em sentido amplo), ou metadiscursivas epistêmicas (estas não contempladas nesta breve análise por causa de sua especificidade).

Voltando mais detidamente às visadas patêmicas (ao *fazer sentir*), bastante salientes no *corpus* em análise, é preciso lembrar que, para a Semiologia (CHARAUDEAU, 2007), o desencadeamento de emoções é realizado por meio de categorias de discurso de acordo com uma intencionalidade. As emoções estão ligadas a saberes de crença (portanto, aos imaginários) e se vinculam a representações psicossociais que afetam os sujeitos. Podem ser compreendidas como uma interpretação das circunstâncias apoiada em valores partilhados socialmente. Como efeito visado, elas podem ser enunciadas pela descrição ou manifestação de um estado emocional (“Estou triste!” ou “Não fique triste!”), ou por uma narrativa de cena dramatizante proposta ao destinatário, convidando-o ao movimento de identificação/projeção de sua subjetividade no fato narrado.

Ainda de acordo com Charaudeau (2004b), corroborando a ideia de que a significação do ato de linguagem depende da situação de comunicação em que é produzido, da identidade e da intencionalidade do produtor, do tema e de circunstâncias materiais em que ocorre, mesmo uma narração pode apresentar uma dimensão argumentativa, com a “facilidade” de propor ao outro uma trama narrativa do mundo do qual faz parte – sem a imposição de uma opinião – em uma atitude *projetiva*: “ela permite ao outro se identificar com as personagens da narração” (CHARAUDEAU, 2004b, p. 34). A adesão do sujeito interpretante ao projeto de destinatário imaginado pelo produtor do texto ganha, assim, forte motivação subjetiva.

Tendo já delineadas noções da Semiologia que, imbricadas, têm sustentado esta breve análise, retomemos o conjunto de textos selecionados dentre mais de uma dezena de notícias veiculadas pelo jornal *Extra* em torno da mesma temática: a agonia de Paulo Gustavo por causa da COVID-19. O protagonista dessa narrativa era uma figura muito popular no Brasil, não só por seu trabalho como humorista e como ator, mas também por causa de seu engajamento em defesa dos homossexuais.

Durante a exposição de sua luta, a mídia revelou seu caráter altruísta, mencionando as várias doações que fez para o combate da doença (que, à época, estava em seu auge), ajudando a construir uma imagem muito positiva sobre sua pessoa – ainda que a parcela mais conservadora dos leitores rejeitasse seu casamento com o médico Thales Bretas e a paternidade que dividiam. A tristeza que já abatia o mundo e, em particular, os brasileiros, mais uma vez, ampliava-se com a identificação do público com o ator e seu sofrimento, que era, afinal, o mesmo de todos. O julgamento a respeito de seu gesto altruísta, de sua família “fora do padrão” e da própria pandemia é compartilhado pelo público, que evoca imaginários coletivamente construídos.

Os *posts* do *Instagram* com as notícias são formados por uma imagem de fundo na qual é inserida a manchete, à guisa de legenda. Ao clicar nessa imagem com manchete, aparece, além dela, ao lado, a notícia em si, com os elementos corriqueiros do *lead* (quem, o quê, onde, quando, por quê) e algum desenvolvimento. São textos curtos, que condensam os fatos para informar, para *fazer saber*.

No conjunto em tela, a imagem recorrente é a do próprio Paulo Gustavo, sempre sorrindo, olhar direcionado à câmera, ou ao leitor. No processo de referenciação, a primeira entrada do objeto de discurso que indicará o tema, nos quatro textos, é obtida duplamente: pela foto e pelo nome próprio, que, a partir de uma inferência interna, convergem para o mesmo referente (o homem da imagem é o ator denominado).

Barthes (1990), ao explicar a relação entre imagem e palavra em um texto, afirma que, em geral, a palavra ancora o sentido aberto da imagem, sendo, portanto, predominante em relação a ela e especificadora (embora haja gêneros em que a relação entre as duas semioses seja de complementaridade). A imagem, sobretudo a fotográfica, apesar de ser um signo icônico por causa da similaridade entre signo e objeto, é, principalmente, inidicial, por ter uma função prioritariamente referencial, indicadora de um ser, ou de um lugar, bastante fiel ao objeto representado.

No entanto, como todo elemento referencial, o protagonista desses textos, cuja identidade social é vastamente conhecida, é apresentado em um perspectiva descritiva que privilegia seu rosto e que, discursivamente, o qualifica de modo implícito por meio de uma expressão fisionômica ativa, tranquila, alegre e simpática, além de mostrar uma pessoa elegante. Le Breton (2012, p. 52) afirma:

Os sentimentos que vivenciamos, a maneira como repercutem e são expressos fisicamente em nós, estão enraizados em normas coletivas implícitas. Não são espontâneos, mas ritualmente organizados e significados visando os outros. Eles inscrevem-se no rosto, no corpo, nos gestos, nas posturas, etc. O amor, a amizade, o sofrimento, a humilhação, a alegria, a raiva, etc. não são realidades em si, indiferentemente transponíveis de um grupo social e outro. As condições de seu surgimento e a maneira como são simbolizados aos outros implica uma mediação significativa.

Em outras palavras, as fotos selecionadas para as notícias organizadas em uma roteirização narrativa não apenas se prestam a indicar de quem se trata, mas também a atribuir uma qualificação positiva e ajustada à identidade de Paulo Gustavo por meio de um elemento do imaginário social: o corpo (LE BRETON, 2012).

Além da função referencial das fotos e do nome próprio repetido das manchetes, esses objetos de discurso atuam coesivamente, ligando os textos que formam a narração

roteirizada, a cada momento com uma informação nova a respeito da personagem: ele é internado; apresenta melhora; segue em estado grave e falece. O percurso do ator, acompanhado pelo público por meio das notícias, é vivenciado empaticamente na medida em que são acionados os imaginários comuns ao *meganarrador compósito* e ao *coenunciador/escritor*.

Na parcela verbal que compõe a narração formada pelos quatro textos, são materializados imaginários ligados à identidade de Paulo Gustavo: o primeiro texto informa ao leitor que o dia da internação é o mesmo do aniversário do marido de Paulo, além disso, reproduz a declaração de amor feita a ele; o último menciona o casamento dos dois e os nomes dos filhos, Romeu e Gael, que nasceram de “barriga de aluguel”. As informações veiculadas confirmam, a partir de inferências externas interdiscursivas, um imaginário progressista, a favor da relação homoafetiva (que pode ganhar a aprovação do leitor, ou não) e um imaginário amoroso, capaz de sensibilizar ainda mais o *escritor*.

O outro imaginário evocado pelos elementos textuais é o de dor e de medo que recobre a COVID-19, ainda que, por algum tempo, houvesse esperança de o ator se salvar. Esse imaginário, em especial, é o mais importante para a visada patêmica, pois perpassa a narrativa da cena dramatizante que envolve o leitor na identificação com um caso “real” (não fictício) e com a dor vivida por uma pessoa tão querida do público, que dizia ser a alegria um ato de resistência; uma dor que poderia ser sua.

No último texto, a imagem de Paulo Gustavo, sorridente, de chapéu e roupa preta, aparece sem manchete, mas com as datas de seu nascimento e de sua morte, indicadas pelos símbolos da estrela e da cruz. O reconhecimento dessa simbologia relacionada ao fim da vida de uma pessoa ativa a inferência a respeito da luta perdida, da fatalidade da doença, da vulnerabilidade de cada ser humano.

Com a possível projeção do leitor na narração, não só emoções como dor, solidariedade, tristeza e medo (muito medo) são despertadas – sobretudo por causa da evolução da doença e da morte –, mas também é interpretada, como conclusão da narrativa, a ideia de que a COVID pode ser fatal e “democrática”, vitimando mesmo os que têm todos os recursos médicos a seu dispor. Dessa maneira, observa-se o pendor

argumentativo da narração roteirizada, ainda que provavelmente não tivesse como visada inicial *fazer crer* na periculosidade da doença. É um efeito produzido, mas não visado, não programado: a derrota de Paulo Gustavo é a mesma do público.

## Conclusão

Para finalizar, a roteirização da narrativa a respeito da luta (perdida) contra a Covid permite ao *escreitor*, que rola a tela do *Instagram*, viver os momentos de agonia de Paulo Gustavo, uma pessoa alegre, de bem com a vida, mas que perece. A coesão das notícias, propiciada por nexos textuais, apresenta, gradativamente, o sofrimento que atinge seu ápice com a confirmação da morte. Os efeitos de sentido, visados e/ou produzidos, estão envoltos em imaginários carregados de avaliações afetivas, susceptíveis à dramatização e à projeção do público leitor. Isoladas umas das outras, as notícias perderiam boa parte da carga dramática. A roteirização permite a condução paulatina do leitor à intensificação do sofrimento e à conclusão de sua tremenda vulnerabilidade.

Quanto ao fato de a narrativa roteirizada ter sido publicada no *Instagram*, mesmo assinada por um jornal de farta circulação – o Extra –, não só facilita, pela rolagem das publicações, a retomada e a articulação dos fatos (que representam a falta, a busca e, no caso, o fracasso), como também se aproveita, em certa medida, de um sutil deslocamento situacional: das páginas da mídia jornalística para o espaço de uma rede social, cujo objetivo prioritário não é dar notícias, mas colocar os internautas em interação pessoal. Pode-se então pensar em uma discreta hibridização genérica propiciada em um dispositivo virtual, que permite a “importação” do domínio jornalístico, sem isentá-lo da subjetividade própria das redes sociais – sobretudo, por contar uma história tocante e de fácil identificação do público.

Vale, por fim, mencionar que há muitas outras postagens a respeito da doença e da morte de Paulo Gustavo, algumas posteriores, tratando das homenagens que recebeu

e da reação da família, entre outros temas correlatos. A roteirização poderia ser analisada ainda mais exaustivamente, contudo, devido ao limite deste artigo, as quatro postagens representaram a construção de uma história emocionante, que captou o *escreitor* em sua rede midiática sob a intervenção do tecnodiscurso. Além disso, essa escolha parece simular satisfatoriamente uma dentre as tantas possibilidades de os internautas (re)construírem narrativas.

## Referências

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. *In*: MACHADO, I. L.; MELLO, R. **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte, MG: NAD/FALE-UFMG, 2004a. p. 13-41.

CHARAUDEAU, P. A argumentação talvez seja o que não parece ser. *In*: GIERING, M. E.; TEIXEIRA, M. **Investigando a linguagem em uso: estudos em Linguística Aplicada**. São Leopoldo: Editora Usininos, 2004b. p. 33-44.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. *In*: MENDES E.; MACHADO, I. L. (orgs.). **As emoções no discurso**. Campinas, SP: Mercado Letras, 2007. p. 23-56.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso – modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. Compréhension et interpretation: interrogations autour de deux modes d’appréhension du sens dans les sciences du langage. *In*: ACHARD-BAYLE, G.; GUÉRIN, M.; KLEIBER, G.; KRYLYCHIN, M. (orgs.). **Les sciences du langage et la question de l’interprétation (aujourd’hui)**. Limoges: Les Éditions Lambert-Lucas, 2018. p. 21-55. Disponível em português em: <https://ciadrj.letras.ufrj.br/2019/11/21/novo-artigo-de-patrick-charaudeau-traduzido>. Acesso em: 16 jun. 2020.

CONCEIÇÃO, L. G. T. E. **De escândalos a guerras: narrativas jornalísticas de O Globo para orientações de imaginários sociodiscursivos**. 2020. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

EGYPTO, L. **O jornalismo na internet**. 2012. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2012/04/05/o-jornalismo-na-internet-artigo-de-luiz-egypto/>. Acesso em: 05 ago. 2020.

FERES, B. dos S.; RIBEIRO, P. F. N.; MONNERAT, R. S. M. Discursos em rede: entre fatos, fotos e ditos. *In*: MOURA, J. B. de; LOPES, M. (org.). **Discursos, imagens e imaginários**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 73-93.

GIERING, M. E. **O tecnodiscurso hipertextualizado e o “faire-texte”**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wJR4Ih15zS8&t=621s>. Acesso em: 14 mar. 2022.

GOMES, L. **Um roteiro midiático para a pandemia do novo coronavírus**. 2022. 319f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MAINGUENEAU, D. **A Análise do Discurso e a crise do Coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/dominique-maingueneau/>. Acesso em: 5 ago. 2020.

MARCUSCHI, L. A. A coerência do hipertexto. *In*: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2017. p. 185-207.

PAVEAU, M. **L’analyse du discours numérique**. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017.

PAVEAU, M. Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique. **Culture, identity and digital writing, Epistémè**, Revue internationale de sciences humaines et sociales appliquées Seul, n. 9, p. 139-176, 2013.

PAVEAU, M. Em naviguant en écrivant. Réflexions sur les textualités numériques. *In*: ADAM, J. M. **Faire texte**. Frontières Textuelles et Opérations de textualisation. Paris: Presses Universitaires de Franché-Compté, 2015. p. 337-353.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICOEUR, P. **Temps et récit**. Paris: Seuil, 1983. (Collection Essais, I).

SEARLE, J. R. **Intencionalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

**Recebido em 18/08/2022.**

**Aprovado em 29/11/2022.**